



Imaginário citadino *versus* imaginário campesino: o embate entre a cidade e o campo na literatura pré-modernista

Imaginary city *versus* imaginary country: the clash between the city and the country in pre-modernist literature

Maurício Silva¹

Resumo: O presente artigo analisa o processo modernizador por que passa o Rio de Janeiro durante a Primeira República. Aborda, neste sentido, uma gama de conceitos relativos a tais transformações, aliando-as às modificações urbanas concretas sofridas pela Capital Federal no período presidencial de Rodrigues Alves, com destaque para o embate entre cidade e campo, na construção do imaginário literário.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, urbanismo, cidade *versus* campo, literatura pré-modernista.

Abstract: The present article analyses the cultural and social context of Brazilian history. Adopting a historical perspective, it reveals some urbanistics aspects of Brazilian society on Rodrigues Alves government. This article points out the conflict between town and country, in the construction of the literary imagination.

Key words: Rio de Janeiro, urbanization, city *versus* country, pre-modernist literature.

Talvez não haja nenhum indício de pré-modernidade mais explícito, no Brasil, do que o embate significativo que se travou, no começo do século XX, entre a *cidade* e o *campo*. Sabe-se que nossa história colonial foi marcada, sintomaticamente, pela prevalência - em todos os âmbitos da vida social, cultural e política - da mentalidade rural ou semirural sobre a urbana, a qual só se afirmaria por aqui a partir das últimas décadas do século XIX e, assim mesmo, concorrendo com a ideologia campesina que persistiu pelo menos até a década de 1930: o campo, em última instância, sempre foi, em oposição à cidade, o espaço privilegiado de atuação política e social desde os primórdios da nação brasileira, fazendo do patriarcalismo um autêntico *modus vivendi* nacional (FREYRE, 1987; FREYRE, 1944).

Com o advento da República e com os fatores diversos que levaram à paulatina modernização da sociedade brasileira, a realidade citadina começa a se sobrepôr ao campo. A estrutura social patriarcal, de base rural, cede espaço a uma burocracia urbana, teoricamente civilizada e de modelo europeu: torna-se, com o passar dos anos, impossível a convivência pacífica entre uma oligarquia rural, substancialmente "atrasada"

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo; professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho.

e ligada a tradições que já não sensibilizavam os cidadãos urbanizados, e os grupos sociais que compõem a sociedade urbana, uma burguesia que anseia por reformas estruturais. Em outros termos, assiste-se no Brasil da passagem do século ao triunfo da vida pública (de raízes urbanas) sobre a vida privada (marcada pelo ambiente doméstico da família patriarcal), isto é, do bacharel sobre o patriarca (SALDANHA, 1993; MARTINS, 1953).

Essa passagem não se deu sem graves consequências para a sociedade, já que pressupunha uma mudança completa da estrutura familiar brasileira, além de engendrar uma crise política que teria como desfecho, mais de três décadas depois, a Revolução de Vargas. Mais do que isso, trata-se de uma mudança estrutural da economia brasileira, em que um deliberado processo de industrialização passava, pouco a pouco, a substituir o modo agrário de exploração econômica (SAES, 1989; MENDONÇA, 1993). De qualquer maneira, a nova condição industrial que se impunha à nação, trazia consigo uma realidade não menos inesperada para a população brasileira: com o avanço do processo de industrialização, surgiam as grandes metrópoles nacionais, e um estilo de vida urbano e “civilizado” passava a ocupar a cena social, política e cultural do Brasil (LOPES, 1971).

A cidade, portanto, impunha-se como centro das atenções do cidadão brasileiro: era o espaço da modernidade e da civilidade, que tinha como modelo as grandes metrópoles europeias; era ainda o centro político-administrativo do país, isto é, o espaço destinado ao controle burocrático da nação; era, por fim, o objetivo de toda sorte de indivíduo preocupado com o sucesso profissional: descendentes de uma aristocracia rural decadente, intelectuais das províncias, bacharéis recém-formados em busca de uma oportunidade etc. O campo, enquanto isso, figurava como referência e memória de um não muito longínquo passado colonial e monárquico e, por isso mesmo, aos olhos da nova burguesia urbana, um espaço marcado pelo atraso. Em suma, a cidade passou a ser o centro definitivo de poder político e econômico do país, enquanto o campo era visto quase que exclusivamente como lugar onde se consolida a atividade primária de produção (SINGER, 1976; FISCHER, 1976). Não sem razão, os ideólogos da nova realidade urbana viam no obsoleto universo agrário seu principal antagonista, transformando um debate puramente econômico num embate ideológico que não prescindia da célebre oposição entre *civilização* e *barbárie*.

Visões da cidade e do campo

Ver a cidade é mais do que simplesmente analisá-la de um modo impessoal: trata-se de uma autêntica prática cultural que tem como fundamento a própria existência

citadina - é o que podemos chamar de percepção urbana (FERRARA, 1988). Evidentemente, nossos primeiros republicanos manifestavam uma percepção diferenciada da realidade urbana, uma realidade relativamente nova e que trazia marcas indeléveis da experiência agrária. Mas ainda assim, é possível tentar analisar as formas do imaginário citadino e campesino que se afirmaram durante a Primeira República.

Embora a oposição entre cidade e campo só tenha uma consistência social e política a partir de fins do século XIX, quando a Revolução Industrial já era um fenômeno irreversível, pode-se dizer que pelo menos desde o século XVI – com a formação de estados absolutistas, a emergência de uma burguesia mercantil, a consolidação do pré-capitalismo ocidental –, essa oposição é pertinente (DAVIS, 1955; WILLIAMS, 1989). No Brasil, não podemos falar em oposição franca antes da consolidação das principais cidades realmente urbanizadas, como Rio de Janeiro e São Paulo das primeiras décadas do século XX. É nessa época, principalmente, que os embates em torno das duas categorias aqui analisadas irão se desenrolar com maior frequência e profundidade. Forjam-se os imaginários campesino e citadino e, mais do que isso, trava-se uma verdadeira disputa entre os adeptos dos estilos de vida tradicionalmente agrário e modernamente urbano.

A cidade emerge, aos olhos dos otimistas, como local de práticas avançadas, de experimentos tecnológicos ou atividades profissionais diversas. Espaço propício ao desenvolvimento de uma existência civilizada, sobretudo sob uma ótica higienista, que via na cidade uma possibilidade de referência saudável, em oposição ao atraso insalubre do campo (MENDONÇA, 1988). Mas uma perspectiva inversa também era possível: pelo menos antes do governo de Rodrigues Alves, a cidade era vista como local inadequado para vivência, devido sobretudo à insalubridade das moradias, ao contrário das habitações rurais, amplas e arejadas (RIBEIRO, 1994; VAZ, 1994; CHALHOUB, 1986). Cada qual defendia seu *espaço*, procurando denegrir o alheio, numa disputa que tinha evidentes fundamentos político-econômicos, já que privilegiava um determinado *locus*, valorizando toda forma de produção que ali se desenvolvia.

É curioso perceber ainda outros embates que se travaram, na época, em torno de concepções diferenciadas da cidade e do campo: por um lado, considerava-se a cidade como um espaço em que se concentravam uma série de avanços técnico-mecanicista, enquanto o campo era visto a partir de uma ótica do atraso; por outro lado, exatamente em função dessa oposição, podia-se considerar o campo um lugar idealmente propício à vida saudável e tranquila, enquanto a cidade sofria as consequências malélicas do

tecnicismo infrene. E nada melhor do que a produção literária para revelar a disputa latente entre essas duas perspectivas opostas.

Com efeito, foi relativamente comum naquela passagem de século o tratamento literário dado ao tema do confronto entre a vida campesina e urbana; ou do indivíduo nascido e criado no campo e que, a certa altura da vida, depara-se com a cidade grande. Coelho Neto trata desse assunto em *A Capital Federal* (1893), cujo protagonista é um típico camponês deslumbrado com as novidades da cidade:

de papo para o ar comecei a pensar na delícia da vida e achei mesquinha a casa paterna, taciturna e calada, entre arvores murmurantes, invadida pelas moscas e pelos gafanhotos, com os corredores sombrios, atravancados de selins, às vezes visitada pelos bacorinhos que vêm familiarmente grunhir em baixo da mesa de jantar, catando os restos do almoço. Pareceu-me triste e acanhada a existência que eu levava nesse valle melancolico sem agitação e sem conforto, ignorante de tudo, longe de imaginar que o mundo podia proporcionar delicias de tal ordem - delicias como aquella sala de jantar, delicias como aquella banheiro, onde meu tio tonificava as suas banhas e onde eu ia, enfim, lavar-me para entrar limpo e lepido na vida nova, buliciosa e surpreendente, que eu sentia rumorejar ao longe, nessa grande cidade atravessada, amollecida e somnolentemente, nas almofadas fôfas do carro do ruivo. Ia enfim vêr o mundo (NETO, 1924a, p. 33).

A cidade era, portanto, um lugar destinado à incorporação compulsória dos avanços modernizantes, provenientes sobretudo da Europa e Estados Unidos. Era lá que se podiam presenciar os novos acontecimentos no mundo do lazer, as descobertas tecnológicas, os costumes civilizados ou a vestimenta moderna. Era na cidade também que o cidadão podia desenvolver-se plenamente como profissional ou fazer parte de grupos sociais polidos, educados nos princípios da urbanidade. Enfim, um espaço marcado pelo progresso irreversível das estruturas urbanas necessárias ao desenvolvimento das relações sociais (BENCHIMOL, 1990; ARAUJO, 1993). Esses e outros motivos análogos, relacionados à vida urbana, foram tratados por vários autores da época, como Benjamim Costallat ou João do Rio, quase sempre a partir de uma ótica em que se destaca a apologia da civilidade urbana.

Como complemento dessa percepção encomiástica da cidade – aliás, de fundo claramente higienista –, veiculava-se a ideia de que a realidade campesina era marcada por toda sorte de atraso, e, portanto, inapta para a convivência social. Dessa forma, o campo podia ser considerado um lugar marcado pelo tédio, resultante da vida monótona e sem atrativos, como ocorre em algumas passagens de *Correio da Roça*, de Júlia Lopes de Almeida (ALMEIDA, 1933); um espaço propício à degeneração da raça europeia imigrada para o Brasil, como sugere *A Correspondência de uma Estação de Cura*, de João do Rio (RIO, 1992); ou ainda um local particularmente refratário à civilização, como se afirma em *Inverno em Flor*, de Coelho Neto (NETO, 1928).

Mas essa oposição entre uma percepção da cidade como espaço moderno e civilizado e do campo como um local atrasado e bárbaro constituía apenas um lado da discussão que se travou, naqueles anos, em torno destas duas categorias espaciais: a perspectiva podia facilmente se inverter e, então, não era incomum encontrar embates que se fundamentavam numa percepção mais otimista do campo, em detrimento de uma visão profundamente negativa da cidade.

Sob essa outra ótica, a vida campestre surge como o exemplo mais sublime de uma existência tranquila, marcada pelo contato salutar com a natureza, acalentada pela perspectiva de uma melhor qualidade de vida. O campo, agora, passa a receber um tratamento diferenciado, destacando-se a pujança idealizada da natureza e outras qualidades campesinas. Afrânio Peixoto, em *Maria Bonita*, atua como contraponto da temática do confronto entre o campo e a cidade, invertendo o caminho traçado pelos romances – como os de Coelho Neto ou Arthur Azevedo – que tratam desse assunto; descreve, assim, uma espécie de retorno ao ambiente campestre, após uma decepcionante experiência urbana:

Depois de ter errado, estranho, e distraído por curiosidades ociosas, de estudo, civilidade, utopias, eis que volvia à paz e se repunha entre os seus, no seu meio, como se despisse falsos ornamentos e se esquecesse de atitudes vãs. Um arranco doloroso o desarraigara; quatro anos de dissipação e esquecimento não impediam de tornar e sentir que voltava a si mesmo, replantado no seu torrão [...] Aquela ambiência, as gentes pacatas e boas, as águas turvas e benignas, as matas túmidas e verdes, o céu anilado e afável do rio Pardo, como que estendiam para a sua alma todos os contatos interrompidos, de que o desprendera um dia, violentamente, a

vibração forte de um momento trágico na vida (PEIXOTO, 1948, p. 195).

Descrições como essa, em que a natureza campesina é glorificada com uma boa dose de idealismo saudosista, em oposição à desqualificação deliberada da cidade, era relativamente comum, não sendo difícil encontrar passagens semelhantes, dotadas do mesmo espírito laudatório, em relação à vida campestre, nos principais autores da época, como Lima Barreto, Júlia Lopes de Almeida ou Humberto de Campos.

Igualmente comum é a visão complementar dessa última, isto é, aquela que considera a cidade um espaço aglutinador dos malefícios causados pelo desenvolvimento urbano. Nesse sentido, poder-se-ia considerá-la ora um local marcado por incômodos causados pelo crescimento demográfico (barulho, trânsito, aglomeração), como em *A Falência*, de Júlia Lopes de Almeida (ALMEIDA, 1978); ora um lugar propício ao desenvolvimento de vícios, como em *O Tribofe*, de Arthur Azevedo (AZEVEDO, 1986); ora ainda um local particularmente propício à sedução das mulheres com vista à sua degeneração moral, como ocorre em *O Polvo*, de Coelho Neto (NETO, 1924b).

A polêmica que opunha cidade e campo logrou, assim, angariar adeptos dos dois lados, e não era raro – ainda entre os romancistas da época – encontrarmos passagens que procuravam, num mesmo excerto, fazer a defesa da cidade em detrimento do campo:

Compare à sua vida a de Pedro. Vive de manhã à noite no armazém, a receber e despachar mercadorias, durante todo o ano, sem poder arredar pé... Há cinco anos que fazemos projeto de ir à Capital e não temos um mês de férias [...] À noite, quando não recebemos visitas, vamos a um ou outro mais íntimo, para uma palestra sem interesse, e voltamos para casa [...] Uma vida triste... Compare agora com a sua... sempre nas capitais, viajando, bons hotéis, bons teatros, bons museus, bailes, festas, jantares... (PEIXOTO, 1978, p. 43);

ou, ao contrário, a defesa do campo em detrimento da cidade:

queria [...] partir, recolher-se a um recanto campezino, vivendo na ignorância das coisas, no socego alacre do campo esmeraldino, onde o céu é amigo, onde o clarear do sol é puro, onde a própria

natureza parece cantar, onde as arvores entoam hymnos, onde a agua é limpida, onde o entardecer é malancolico e amante, onde a noite cáe n'uma suavidade bucolica, onde a folhagem das ramarias frondosas arfa a murmurar segredos e nunca mais [...] voltar á cidade doentia, onde o brilho é ficticio, onde os costumes são devassos, onde ha verdadeiramente um inferno de Dante, onde a fatalidade persegue, onde a blasfemia e o odio procuram matar o amôr e onde o mesmo amôr faz concorrência á morte, esfrangalhando nos seus enganos as almas simples, onde ha fome e ha crimes e ha mentiras e onde ha solercias indecorosas, onde o sol é baço, doentio, pallido, tísico, onde o homem é torpe e precocemente velho e a mulher é rameira e estranhamente flacida, amarela e a criança é rachitica, onde o ar rareia, onde a alegria não medra (GONÇALVES, 1920, p. 212).

Conclusão

Pode-se, assim, imaginar um quadro verdadeiramente vasto, engendrado pela disputa entre os defensores da vida urbana e os adeptos do campo. De um lado, procurava-se alçar a cidade à categoria de lugar privilegiado pelo desenvolvimento moderno, pelos costumes civilizados, pelo conforto que somente a existência urbana seria capaz de propiciar aos indivíduos, enquanto o campo estaria destinado à carência social, ao atraso tecnológico, à barbárie indelevelmente associada ao estilo de vida agrário. De outro lado, o campo emerge como o espaço caracterizado por um sentido muito particular da existência humana, pela vida saudável, pela naturalidade, pelo idealismo que traz como base sentimentos atávicos de tradição rural, ao passo que a cidade é, deliberadamente, assemelhada ao caos urbano, a práticas viciosas, à imoralidade crescente.

A cidade é vista ainda, pelos romancistas avessos à modernização urbana, como um lugar de excessivo barulho, de uma agitação incontida, de uma perturbadora densidade demográfica. Representa, em todos os sentidos, uma perda irreparável das amenidades da vida primitiva, daquela existência simples, longe das preocupações de uma civilização corrompida, como nos mostra este trecho de um romance de Lima Barreto, em que o protagonista emerge como um verdadeiro apologista da vida campesina, em detrimento da conturbada experiência urbana:

como era tão simples viver na nossa terra [...] Como é que se preferia viver em casas apertadas, sem ar, sem luz, respirar um ambiente epidêmico, sustentar-se de maus alimentos, quando se podia tão facilmente obter uma vida feliz, farta, livre, alegre e saudável? E agora que ele chegava a essa conclusão, depois de ter sofrido a miséria da cidade [...] Chegara tarde, mas não a ponto de que não pudesse antes da morte travar conhecimento com a doce vida campestre (BARRETO, 1987, p. 63).

Mais do que uma defesa apaixonada do campo e da exposição descompromissada de suas qualidades intrínsecas, o trecho acima transcrito - como aliás todas as demais obras da época preocupadas em destacar as amenidades da vida campestre - pode ser visto como afirmação explícita dos sentimentos contrários ao urbanismo modernizador, obstinadamente manifestados por saudosistas do passado.

Os mais otimistas, pode-se dizer, revelam uma percepção positiva da cidade, destacando seus encantos feéricos, numa perspectiva francamente civilizatória; os pessimistas, cuja percepção da cidade é flagrantemente negativa, optam por uma abordagem moralista ou social, destacando o que consideram vícios e marginalização urbanos. Mas o binômio otimistas/pessimistas é tão relativo quanto a própria percepção que cada indivíduo possui dos espaços urbano e campesino: depende, em última instância, do ponto de vista que se adote e de interesses que extrapolam os meramente pessoais, para se infiltrarem nos âmbitos voláteis da política e da economia.

Isso não impede que se possa considerar o embate travado entre os adeptos das duas categorias aqui traçadas uma disputa que, após cumprir uma etapa ideológica, opondo civilização e barbárie, assume idealisticamente sua vocação geográfica, opondo um *locus adversus* e um *locus amoenus* e se inserindo definitivamente no universo das lutas pela modernização nacional: trata-se, por isso mesmo, mais do que uma disputa pré-modernista, de um autêntico embate moderno.

Bibliografia

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Correio da Roça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

_____. **A Falência**. São Paulo: Hucitec, 1978.

ARAUJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer. A Cidade e a Família no Rio de Janeiro Republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- AZEVEDO, Arthur. **O Tribofe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1987.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A Renovação Urbana da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim. O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DAVIS, Kingsley. "The origin and Growth of Urbanization in the World". **The American Journal of Sociology**, Vol. 60, No. 05: 429-437, Mar. 1955.
- FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. **Ver a Cidade: Cidade, Imagem, Leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.
- FISCHER, Claude S. **The Urban Experience**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976.
- FREYRE, Gilberto. "O Período Republicano". **Boletim Bibliográfico**. Biblioteca Pública Municipal de S. Paulo, São Paulo, Vol. II: 61-72, Jan./Fev./Mar. 1944.
- _____. **Casa Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- GONÇALVES, Emilio. **Os Polvos**. São Paulo: Zenith, 1920.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão Lopes. **Desenvolvimento e Mudança Social. Formação da Sociedade Urbano-industrial no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- MARTINS, Luís. **O Patriarca e o Bacharel**. São Paulo: Martins, 1953.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. **Desenvolvimento e Miséria. As Raízes da Revolta de 1904**. São Paulo: FFLCH, 1988 (Dissertação de Mestrado).
- MENDONÇA, Sonia Regina de. "O Ruralismo Brasileiro na Primeira República: Um Debate de Ideias". **À Margem. Revista de Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, Ano I, No. 01: 25-40, Jan. 1993.
- NETO, Coelho. **A Capital Federal**. Porto: Chardron, 1924a.
- _____. **O Polvo**. São Paulo: Jornal do Commercio, 1924b.
- _____. **Inverno em Flor**. Porto: Chardron, 1928.
- PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948.
- _____. **A Esfinge**. São Paulo: Clube do Livro, 1978.

RIBEIRO, Gladys Sabina. "'Por que Você veio encher o Pandulho Aqui?' Os Portugueses, o Antilusitanismo e a Exploração das Moradias Populares no Rio de Janeiro da República Velha". **Análise Social**, Lisboa, Vol. XXIX, No. 127: 631-654, 1994.

RIO, João do. **A Correspondência de uma Estação de Cura**. São Paulo: Scipione, 1992.

SAES, Flávio A. M. de. "A Controvérsia sobre a Industrialização da Primeira República". **Estudos Avançados**. São Paulo, Vol. 03, No. 07: 20-39, Set./Dez. 1989.

SALDANHA, Nelson. **O Jardim e a Praça. O Privado e o Público na Vida Social e Histórica**. São Paulo: Edusp, 1993.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

VAZ, Lilian Fessler. "Dos Cortiços às Favelas e aos Edifícios de Apartamentos - a Modernização da Moradia no Rio de Janeiro". **Análise Social**, Lisboa, Vol. XXIX, No. 127: 581-597, 1994.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989